



**A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA
PSICANALÍTICA**

**THE SPECIFICITY OF THE PSYCHOLOGIST'S PERFORMANCE IN THE HOSPITAL: A
PSYCHOANALYTIC READING**

Lucas Monteiro Silva¹, Tadeu Oliveira de Aguiar², Rosane de Albuquerque Costa³

e351440

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i5.1440>

PUBLICADO: 05/2022

RESUMO

Este artigo aborda a atuação do psicólogo que tem a psicanálise como sua referência teórica na instituição hospitalar, destaca a visão de corpo para a Medicina e para a psicanálise, bem como as possibilidades e os impasses de trabalho que o profissional se depara no hospital. No século XIX, o hospital passou a ser o centro de toda a rede de saúde, detém a excelência nas práticas médicas. O psicólogo hospitalar surge nesse contexto com o objetivo de trabalhar a subjetividade dos pacientes, como de suas famílias e os profissionais que ali atuam, analisando os aspectos envolvidos nas patologias dos pacientes. Verificamos que ao utilizar a teoria psicanalítica, o psicólogo se deparará com uma visão diferente da empregada pelos médicos, ou seja, o foco do psicanalista é a subjetividade de cada sujeito, tendo como objeto de estudo e intervenção o corpo simbólico do paciente, tornando a sua atuação profissional relevante na instituição hospitalar.

PALAVRAS-CHAVE: Hospital. Corpo. Medicina. Psicanálise. Psicologia hospitalar

ABSTRACT

This article discusses the role of the psychologist who has psychoanalysis as his theoretical reference in the hospital institution, highlights the vision of the body for Medicine and psychoanalysis, as well as the possibilities and work impasses that the professional faces in the hospital. In the 19th century, the hospital became the center of the entire health network, with excellence in medical practices. The hospital psychologist appears in this context with the objective of working on the subjectivity of patients, as well as their families and the professionals who work there, analyzing the aspects involved in the pathologies of the patients. We verified that when using the psychoanalytic theory, the psychologist will come across a different view from that used by doctors, that is, the psychoanalyst's focus is the subjectivity of each subject, having as object of study and intervention the symbolic body of the patient, making their relevant professional performance in the hospital institution.

KEYWORDS: Hospital. Body. Medicine. Psychoanalysis. Hospital psychology.

INTRODUÇÃO

A Psicologia Hospitalar é uma área de atuação da psicologia que garante singularidades em sua rotina de trabalho, isto é, o psicólogo que ali atua irá se haver com questões que não aparecem com frequência em outras frentes de atuação, como a morte.

¹ Graduando em psicologia pela Universidade Estácio de Sá.

² Graduando em psicologia pela Universidade Estácio de Sá e em Gerontologia pela UNINTER.

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Estácio de Sá.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
Lucas Monteiro Silva, Tadeu Oliveira de Aguiar, Rosane de Albuquerque Costa

Lazaretti diz que a atuação da psicologia em um hospital deve ser de “acolher e trabalhar com pacientes de todas as faixas etárias, bem como suas famílias, em sofrimento psíquico decorrente de suas patologias, internações e tratamentos” (LAZARETTI, 2007, p. 21).

A psicanálise, enquanto método clínico, por muito tempo pairava sob um discurso proibitório que alegava uma não serventia em hospitais. É a partir desse pensamento que Moretto irá tomar uma frase de Lacan, a saber: “Não recue diante da psicose”, e a transforma em “Não recue diante do hospital” (MORETTO, 2002, p. 20).

A fala é um campo fundamental para a psicanálise, tanto que Lacan vai definir que “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1981, p. 135). O que nos leva a pensar que onde há falantes, há possibilidades para a psicanálise, englobando assim, a instituição hospitalar.

Partindo de contribuições de Czeresnia (2003), o Conselho Federal de Psicologia (CFP) afirma que o adoecer é composto por vivências singulares e subjetivas, que são importantes de serem pensadas ao abordar a pessoa doente, sobretudo no contexto hospitalar (CFP, 2019).

Simonetti (2004), afirma, em concordância, que a intervenção e o objeto de estudo da psicanálise na Psicologia Hospitalar são a subjetividade, diferentemente da medicina. Para ele, o corpo físico está a cargo do médico, e o corpo simbólico a cargo do psicólogo/analista.

Diferenciando a visão psicanalítica sobre o adoecer físico em detrimento da visão médica, busca-se aqui compreender como se dá a intervenção analítica no hospital, diante de uma premissa médica prevalecente, na qual o foco principal é o corpo biológico.

Vale destacar que iremos utilizar psicólogo/psicanalista para denominar os profissionais de psicologia que sustentam sua prática a partir da psicanálise, e que a cena hospitalar, segundo Simonetti (2018), é o encontro do sujeito adoecido no contexto e na visão da medicina.

Nos colocamos a discutir: o hospital como instituição e como campo de trabalho do psicólogo, o corpo para a medicina e para a psicanálise, na qual apesar de sabermos que a medicina e a psicanálise possuem práticas diferentes, o corpo que está em jogo, na cena hospitalar, é o físico. E finalizando exploraremos o fazer do psicanalista no hospital a partir de seus impasses e possibilidades.

O HOSPITAL COMO INSTITUIÇÃO

Historicamente, o hospital foi se construindo a partir do viés científico e tecnológico, o que o validou no século XIX como instituição de excelência nas práticas médicas. É com esse aval que se instaura a era hospitalocêntrica, sendo o hospital o centro de toda a rede de saúde (RIBEIRO, DACAL, 2012).

No Brasil, em 1990, o Sistema Único de Saúde, SUS, que diferentemente do modelo hospitalocêntrico, trazia uma estratégia descentralizada da saúde, equipando o sistema com Atenção



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
Lucas Monteiro Silva, Tadeu Oliveira de Aguiar, Rosane de Albuquerque Costa

Básica, Secundária e Terciária - traçando para cada uma destas instâncias locais definidos e os graus de dificuldade que serão tratados neles (RIBEIRO, DACAL, 2012).

O Ministério da Saúde brasileiro vai definir o hospital como a junção de estabelecimentos de saúde, ou seja, esse local vai conter serviços variados que trabalham sobre a ótica da prevenção e promoção de saúde, além de atividades complementares em função da rede de atendimento à saúde (BRASIL, 2002).

Os hospitais hoje têm a função primordial de tratar as patologias, restaurar a saúde e ser um local de pesquisa e aprendizagem.

Dessa forma, houve grandes mudanças e evoluções no funcionamento do hospital, partindo de um contexto em que servia como um local de morte e propagação da fé cristã no século XVIII e indo ao modelo atual de cura terapêutica e restabelecimento da saúde.

O hospital tem o dever de promover uma assistência de saúde completa, da prática curativa à preventiva. Para isto, vale destacar a entrada e importância de outros profissionais da saúde no hospital, caracterizando um trabalho multidisciplinar, como fonoaudiologia, fisioterapia e assistência social, junto aos médicos e enfermeiros, com o propósito de restauração da saúde do indivíduo hospitalizado.

E nessa equipe multidisciplinar, encontra-se o psicólogo que adentra a instituição hospitalar com o objetivo de oferecer uma escuta aos pacientes hospitalizados, a fim de operar a partir da subjetividade, dos aspectos psicológicos que envolve o adoecimento.

Um fator importante da atuação do psicólogo no hospital, é que seu trabalho consiste em atender uma tríade: paciente, familiares e a equipe de profissionais que trabalham no hospital.

O HOSPITAL COMO CAMPO DE TRABALHO DO PSICÓLOGO

A psicologia hospitalar foi reconhecida nacionalmente como uma das especialidades do psicólogo em 2001, sendo regulamentada pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 13/2007. Esse avanço foi possível a partir dos psicólogos que já atuavam nos hospitais, em busca de um ambiente acolhedor para os pacientes em sofrimento, englobando não só o paciente, mas a família e a equipe que ali atuam.

Vale ressaltar que a atuação do psicólogo hospitalar abrange várias abordagens psicológicas, como a humanista, cognitivista, comportamentalista e psicanalítica, sendo a última o objeto da discussão deste artigo.

O psicólogo no hospital, atende não só os usuários, mas sua cobertura também, se estende, a todo a equipe da saúde, praticando dessa forma a interdisciplinaridade (CRP-PR, 2016).

Para uma melhor compreensão da atuação do psicólogo no hospital, vale destacar que não se limita apenas às doenças de causas psíquicas. Pois de acordo com Simonetti:

a psicologia hospitalar não trata apenas das doenças com causas psíquicas, classicamente denominadas “psicossomáticas”, mas sim dos aspectos psicológicos de toda e qualquer doença, uma vez que é factível que “toda doença se encontra repleta de subjetividade, e por isso pode se beneficiar do trabalho da psicologia hospitalar (SIMONETTI, 2004).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
Lucas Monteiro Silva, Tadeu Oliveira de Aguiar, Rosane de Albuquerque Costa

Sobre a atuação do psicólogo no hospital, descreveremos a partir de sua atuação como psicanalista. Abrindo uma discussão necessária, a acerca o lugar do corpo que adocece a partir da medicina e da psicanálise, como também, possibilidades e impasses, que a psicologia enfrenta em sua atuação no hospital.

Finalizando sobre o trabalho do psicólogo, a partir de agora, serão referidos o psicólogo/psicanalista para demarcar a especificidade do que está sendo apresentado.

O CORPO PARA MEDICINA

A medicina vem evoluindo e contribuindo para sociedade, com o avanço de técnicas e do tratamento das patologias do corpo. A ciência médica oferece subsídios para a cientificidade da vida biológica, a Medicina atual, tende a enxergar o adoecimento de forma concreta COPPUS e PEREIRA (2020).

A prática vigente, baseada em evidências, faz a visão Médica parecer um tanto reducionista puramente baseada nos sistemas biológicos.

De acordo Barros (2002), o modelo predominante hoje, é biomédico e mecanicista. O corpo adoecido, é tratado a partir de uma visão quantitativa e de uma escuta enrijecida pelo discurso científico. Como descreve Coppus e Pereira:

A fala do paciente passa a ter lugar somente quando responde à exatidão, ou seja, sua alimentação, a qualidade de seu sono, os sintomas que se apresentam, ou seja, desde que possa ser quantificado (COPPUS; PEREIRA, 2020, p. 04)

Decorrente a uma visão e uma escuta quantificada, atravessada pelas exigências da exatidão científica, o profissional e o paciente, desaparecem em sua subjetividade, restando apenas lugar para o discurso científico, com Lacan podemos dizer que esse seria o discurso do mestre no qual é descrito por Lacan como S1, que é a representação de poder, de autoridade, de comando e principalmente de saber Lacan (1969,1970/1992).

O corpo passa a ser objeto para o mestre, que detém o “saber” sobre sua doença e sua “cura”, excluindo toda subjetividade que possa atravessar o corpo adoecido. Estabelecendo então conforme Lacan (1969-1970), denominou de uma relação entre senhor e escravo.

O hospital é regido por um discurso capitalista, que de acordo com Lacan (1972), é um discurso que não faz laço, ou seja, não tem subjetividade, não tem desejo é meramente esvaziado pela ciência baseada em evidências.

A psicologia hospitalar não desconhece os fatores biológicos, químicos e ambientais que podem causar adoecimentos físicos, mas entende-se que todo padecimento físico, tem um aspecto psicológico Simonetti (2018).

O médico e o psicólogo no hospital, tratam muitas das vezes do mesmo paciente, mas não com o mesmo viés. A Medicina trata da patologia do corpo biológico, em torno da causalidade da



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
Lucas Monteiro Silva, Tadeu Oliveira de Aguiar, Rosane de Albuquerque Costa

doença. Já a psicanálise trata do corpo simbólico, em torno dos aspectos psicológicos da doença (SIMONETTI, 2018).

O CORPO PARA A PSICANÁLISE

O corpo que o psicanalista opera, é o corpo simbólico, sendo este constituído de palavras. Pois, é a partir da palavra, ou seja, do simbólico que o psicanalista sustenta sua prática (SIMONETTI, 2018).

O corpo físico de forma alguma deve ser desconsiderado na cena hospitalar. Porém, esse corpo físico é atravessado pelo inconsciente, é constituído por significantes, ou seja, por palavras. O corpo para a psicanálise, é um corpo habitado pela libido, um corpo erógeno, singular, pulsional e atravessado pela linguagem que faz desse corpo, um corpo de desejo e gozo (CUKIERT e PRISZKULNIK, 2002).

Segundo Simonetti (2018), o psicólogo/psicanalista trabalha a partir da fala, sendo o campo das palavras que o psicólogo opera, ou seja, o corpo que está em jogo para o psicólogo é o corpo simbólico do sujeito falante.

Para Gomes, o corpo biológico, hospitalizado que é atravessado pelo manuseio das técnicas da equipe Médica, se esvazia de subjetividade, apontando um possível desamparo. Que além de sofrer por estar adoecido, é tratado de forma tecnicista, enfrenta um ideal de corpo que o discurso contemporâneo que ainda nos dias de hoje, tendo de ser um corpo perfeito:

O corpo, doente, mostra-se desamparado frente à doença hospitalizada, frente à rapidez nas mudanças de exigências a ele nesta situação específica, frente às técnicas de manuseio e cuidados com ele. Frente às exigências de ser para além de um corpo-saúde – um corpo-perfeito, escultural e um corpo-beleza -, temos um corpo-desamparo, emaranhado na sensação de vazio subjetivo, de desvitalização e de fragmentação (GOMES, 2015)

Esse corpo que sofre diante do real da doença e da possibilidade de morte, para além disso, há um sujeito de desejo, que não somente requer cuidados físicos, ou sugestões para melhorar, mas, sim que anseia ser escutado além de suas condições e necessidades biológicas ou cognitivas. Esta, é, a aposta da psicanálise, o sujeito do desejo e, é, a partir dele, que o psicólogo/psicanalista opera, seja em um hospital ou em qualquer outra instituição de saúde.

Para finalizar, mas não esgotar a discussão sobre a visão do corpo a partir da psicanálise, é preciso apontar o mal-estar que causa, um corpo adoecido, esvaziado, invadido e marcado pelos procedimentos necessários em uma hospitalização. No contemporâneo o que se exige do corpo belo, sadio e perfeito o tempo todo. No processo de hospitalização, o que está em jogo é esse corpo adoecido, que precisa ser compreendido não só do ponto de vista biológico, mas a partir da intervenção do psicanalista, para que o adoecer possa ser simbolizado.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
Lucas Monteiro Silva, Tadeu Oliveira de Aguiar, Rosane de Albuquerque Costa

O CORPO NA CENA HOSPITALAR

Foram descritas acima a diferença conceitual do entendimento do corpo para a Medicina e para a psicanálise. Porém, é de suma importância se destacar que o corpo que está em cena no processo de hospitalização, é único. Sendo de suma importância que o psicanalista, apesar de seu referencial teórico, compreenda que o que se almeja na cena hospitalar como urgência, é um restabelecimento da saúde do indivíduo. E o corpo que demanda isto, é o corpo de carne e osso, com toda sua complexidade anatômica.

O psicanalista não deve confundir sua atuação clínica no consultório, a qual se caracteriza por um indivíduo que procura ajuda psicológica. Já no hospital, a demanda é outra. O que está em jogo como urgência, é a restauração da saúde do corpo, que não podemos dividir em várias perspectivas de corpo, pois em sua atuação a partir do simbólico, a reverberação, será nesse corpo que a Medicina trata.

O psicólogo/psicanalista, compreendendo e respeitando a urgência que está em jogo na cena hospitalar, muito terá a contribuir para a restauração da saúde da pessoa hospitalizada.

O PSICANALISTA NO HOSPITAL

A função fundamental do psicanalista no hospital, é, dar voz a subjetividade restituindo-lhe o lugar de sujeito, isto é, de alguém que pode se implicar na experiência que está passando (MORETTO, 2001). Não apenas a pessoa que está doente, mas, a seus familiares e até mesmo aos profissionais de saúde. Dar o lugar de sujeito, é possibilitar que a pessoa se relacione com o sofrimento vivido decorrente de uma enfermidade e analisar qual o lugar que esse sujeito assume frente a mesma.

A prática aqui descrita do psicólogo hospitalar, é a que tem sua práxis sustentada na psicanálise, que desde então é uma prática muito própria e diferenciada, pois, de acordo com Lacan (1966), a psicanálise tem um lugar de marginal e extraterritorial no meio médico. O lugar que o psicólogo/psicanalista ocupa no hospital, é específico e importante pois sua função é:

o de causar a produção de um saber inconsciente, vindo de outra cena, do estranho familiar que é próprio ao sujeito e que insiste em aparecer e ser simbolizado de alguma maneira. (LIMA; MONTEIRO; NICOLAU, 2020, p. 36).

De acordo com Gomes (2015), a interpretação e a escuta de um psicanalista frente a um paciente hospitalizado, é diferente dos outros profissionais da equipe. É uma escuta e um olhar diferente das ciências biológicas e do olhar institucional, pois o sofrimento que se escuta advém de um sujeito, assujeitado pelo desejo do Outro. Segundo o autor, a escuta do psicanalista é uma escuta peculiar, e a escuta que se anuncia e se insinua, mas que não se mostra explicitamente.

Moretto (2001) ao questionar em seu célebre livro *O que pode um psicanalista no Hospital?* Destaca uma das funções cruciais que é: "oferecer uma escuta diferenciada ao paciente, diferenciada daquele que é o discurso que reina no contexto hospitalar, o discurso médico" (MORETTO, 2001, p. 207).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
Lucas Monteiro Silva, Tadeu Oliveira de Aguiar, Rosane de Albuquerque Costa

De acordo com Simonetti (2018), a presença do psicanalista no hospital coloca em destaque a subjetividade, na cena hospitalar. O psicanalista na instituição, vem a serviço da singularidade, do desejo do sujeito com toda sua irracionalidade e divisão subjetiva.

Mas qual é o fazer de um psicanalista no hospital? Qual é sua formação necessária para atuação do psicólogo que tem sua teórica e técnica na psicanálise?

Desde Freud (1912), para praticar a psicanálise, é necessário o tripé: análise, teoria e supervisão. O psicólogo hospitalar que tem seu referencial teórico a psicanálise, precisa levar esse tripé em consideração.

Lacan (1978), diz: "É preciso que cada psicanalista reinvente, a partir do que ele extraiu de sua própria análise, a maneira pela qual a psicanálise pode perdurar" (LACAN, 1978, p. 68). Isto é, uma convocação aos psicanalistas, e um destaque na qual demarca que a partir de sua análise pessoal, o psicanalista possa reinventar sua prática para que a psicanálise perdure. Por tanto, mesmo um psicanalista que trabalha em uma instituição, não pode renunciar o tripé da formação.

Ao apontarmos o que é necessário para atuação de um psicólogo/psicanalista. Iremos discutir, quais são os impasses e possibilidades da atuação dele no contexto hospitalar.

IMPASSES E POSSIBILIDADES

De acordo com Moretto (2019), o psicanalista não deve se recuar do hospital. O analista não deve se intimidar diante das adversidades do ambiente hospitalar. Uma das dificuldades do psicanalista, é de compreender a diferença do setting analítico no consultório, que não pode se reproduzir, no ambiente hospitalar.

No âmbito da prática clínica muitos pontos devem ser pensados e enquadrados para a cena hospitalar. Diferente do consultório, muitas das vezes a escuta analítica pode ocorrer em um corredor do hospital, ou em uma sala da psicologia que não tem o dispositivo do divã, ou até mesmo, o atendimento será na beira do leito do paciente.

Rocha e Soares (2021) relatam que algumas das vezes, no meio do processo analítico, será interrompido pelo outro profissional de saúde, como a enfermagem trazendo algum medicamento de horário, ou um fisioterapeuta para fazer algum procedimento, como também um médico a realizar uma visita. Tudo isso pode acontecer na cena hospitalar, no meio de um atendimento analítico.

Uma outra questão são os atendimentos nas enfermarias, na qual tendo as camas uma próxima da outra, há a possibilidade de outro paciente ouvir o atendimento, até mesmo um acompanhante. Porém, para Moretto (2019), nada disso impede que o atendimento psicanalítico ocorra para aquele sujeito. Cabe ao analista, fazer o manejo clínico da situação.

Lacan (1955/1998) no texto Variantes do tratamento padrão, diz que o que se espera de um psicanalista é uma psicanálise. Parafraseando o autor podemos dizer que: o que se espera de um psicanalista no hospital: é uma psicanálise.

Psicanálise e hospital, não são desconhecidas uma da outra segundo Elias (2008), a psicanálise esteve presente no hospital desde Freud, cito o autor:



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
Lucas Monteiro Silva, Tadeu Oliveira de Aguiar, Rosane de Albuquerque Costa

Freud era médico e, ao iniciar suas primeiras experiências de investigação sobre o psiquismo com as histéricas, demonstrou o quanto o hospital pode revelar-se como um espaço fértil para se observar o sujeito humano diante do que mais o atinge: sua fragilidade psíquica acometida por um acontecimento somático que se inscreverá irremediavelmente no campo da fala e da linguagem (ELIAS, 2008, p. 88).

A psicanálise nasceu no âmbito da medicina a partir de Freud, perpassou na cena hospitalar e ao longo do tempo, ficou mais vinculada aos consultórios.

Porém, a psicanálise pode ser praticada onde há sujeitos falantes Moretto (2019), e o hospital, é um deles.

A aposta central do psicólogo no hospital, a partir do direcionamento psicanalítico, é de possibilitar a pessoa hospitalizada um processo de elaboração simbólica de seu adoecimento (SIMONETTI, 2018, p. 19).

Sobre a dificuldade do *setting* psicanalítico na cena hospitalar, Simonetti (2019) afirma que a psicanálise precisa de muito pouco para funcionar: “basta um sujeito que queira falar e um psicólogo que saiba escutar, e o resto é acessório, é detalhe, o resto é resto”. Até por que, o setting é simbólico (SIMONETTI, 2018, p. 156).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao modo de concluir, o fazer do psicanalista em um hospital está vinculado diretamente a teoria e clínica que sustenta seu fazer clínico. Sendo fundamental seu comprometimento com sua formação - análise, supervisão e estudos, não só sobre a teoria psicanalítica, mas, sobre o saber que se enlaça no campo do qual o psicanalista atua.

Sabe-se que o corpo que está em jogo para o psicólogo/psicanalista é o simbólico e que a partir dele que ele opera, a fim de possibilitar ao sujeito simbolizar seu sofrimento. Mas, vimos ser fundamental que o psicanalista, não sustente essa divisão conceitual, pois, no fim o que se demanda de urgência no processo de hospitalização, é a restauração da saúde, consecutivamente, desse corpo que é único.

Destacamos que o hospital não é um lugar somente de sofrimento, mas, também, de superação e, é a partir do simbólico que é possível a elaboração da doença.

Apesar dos impasses que se dão na relação médico e psicanalista, por sua visão díspar, entendemos que ambos trabalham com um mesmo propósito no hospital: o restabelecimento da saúde quando é possível.

A psicanálise, frente a equipe de profissionais de saúde com orientações que se sustentam com bases biológicas, serve como um dispositivo em extensão no hospital para a subjetividade, e, portanto, contribui para os sujeitos que atravessam um processo de hospitalização.

REFERÊNCIAS

BARROS, A. R. *et al.* **Psicologia Hospitalar: Considerações sobre assistência, ensino, pesquisa e gestão.** Curitiba: CRP PR, 2016.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
Lucas Monteiro Silva, Tadeu Oliveira de Aguiar, Rosane de Albuquerque Costa

BARROS, José Augusto C. **Pensando o processo saúde doença: a que responde o modelo biomédico?** Saúde e Sociedade [online], v. 11, n. 1, p. 67-84, 2002. ISSN 1984-0470. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902002000100008>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902002000100008>. Acessado em: 10 abr. 2022

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Portaria 312 de 2 de maio de 2002. Conselho Federal de Psicologia (Brasil)**. Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) nos serviços hospitalares do SUS / Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia e Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. Brasília: CFP, 2019.

COPPUS, Alinne Nogueira Silva; PEREIRA, Patrícia Teixeira. O que pode a Psicanálise diante do adoecimento do corpo?. Considerações sobre a escuta do sujeito no hospital. **Analytica**, São João Del Rei, v. 9, n. 17, p. 1-17, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972020000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 nov. 2021

COSTA, R. A.; AGUIAR, T. O. Análise pessoal na formação do psicanalista em: Freud, Ferenczi e Lacan. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 2, mar./apr. 2021.

CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre mim e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia**, (Natal), v. 7, n. 1, p. 143-149, 2002. ISSN 1678-4669. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100014>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100014>. Acessado em: 11 abr. 2022

CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Orgs.). **Promoção à saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

ELIAS, Valéria de Araújo. Psicanálise no hospital: algumas considerações a partir de Freud. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 87-100, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582008000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 mar. 2022.

FERREIRA, D.; CASTRO-ARANTES, J. Câncer e corpo: uma leitura a partir da Psicanálise. **Analytica**, São João del-Rei, v. 3, n. 5, p. 37-71, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

GOMES, Daniela Rodrigues Goulart e Próchno, Caio César Sousa Camargo, O corpo-doente, o hospital e a psicanálise: desdobramentos contemporâneos? **Saúde e Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 780-791, 2015. ISSN 0104-1290. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015134338>. Acessado em: 27 nov. 2021.

LACAN, J. "Congresso sobre a transmissão". **Rev. Letra Freudiana**, ano XIV, n. 0, p. 66, 1978.

LACAN, J. **Discours de Jacques Lacan à la Univerité de Milan le 12 mai 1972**. Milão: Salamandra, 1972. (Lacan in Italia - 1953-1978).

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998^a. (Texto original publicado em 1966).

LACAN, J. **O saber do psicanalista**. [S. l.: s. n.], 1971-1972. (Inédito).

LACAN, Jacques. **O seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise 1969-1970**. Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de Ari Roiman; consultor, Antonio Quinet]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

A ESPECIFICIDADE DA ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO HOSPITAL: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
Lucas Monteiro Silva, Tadeu Oliveira de Aguiar, Rosane de Albuquerque Costa

LAZARETTI, C. *et al.* **Manual de Psicologia Hospitalar**. Curitiba: Unificado, 2007. (Coletânea ConexãoPsi).

LIMA, Patrícia do Socorro Nunes Pereira; MONTEIRO, Jamile Luz Morais; NICOLAU, Roseane Freitas. O estatuto do corpo no discurso capitalista: um desafio ao psicanalista no hospital. **Rev. SBPH**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 25-37, dez. 2020. Disponível em: [O estatuto do corpo no discurso capitalista: um desafio ao psicanalista no hospital](#). Acesso em: 29 nov. 2021.

MORETTO, Maria Livia Tourinho **O que pode um analista no hospital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ROCHA, Glauco; SOARES, Anamarina. A Psicanálise no Hospital. Youtube. 1 video. 13 mar. 2021. Disponível em: [A Psicanálise no Hospital](#). Acesso em: 31 mar. 2022.

SIMONETTI, Alfredo. **Manual de psicologia hospitalar**. Belo Horizonte: Artezã Editora, 2018. 200 p.

SIMONETTI, Alfredo. **Manual de psicologia hospitalar**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.